

Jornal-laboratório: ensino de jornalismo no contexto da convergência

Cristiano Pinto Anunciação

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Resumo

O presente trabalho pretende estabelecer uma discussão teórica acerca da produção de jornal-laboratório dentro do contexto da convergência. Trazemos algumas questões sobre o ensino de jornalismo no sentido de atenuar a “velha” dicotomia entre teoria e prática, temática ainda tão debatida no âmbito acadêmico. Para isso, embasamos este artigo, fundamentalmente, no livro *Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor*, de Dirceu Fernandes Lopes (1989), assim como em pesquisadores que produzem trabalhos sobre ensino de jornalismo e convergência, a exemplo de Cláudia Quadros, Elias Machado e João Canavilhas.

Palavras-chave

Ensino de jornalismo; teoria e prática; jornal-laboratório; convergência.

Abstract

This paper aims to establish a theoretical discussion about the production of newspaper-lab in the context of convergence. We bring some questions about journalism education in order to mitigate the "old" dichotomy between theory and practice, still much debated topic in the academic area. To do so, we based this article, mainly, on the book *Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor*, by Dirceu Lopes Fernandes (1989), such as researchers who produce work on convergence and journalism education, like Cláudia Quadros, Elias Machado and João Canavilhas.

Key words

Journalism education; theory and practice; newspaper-laboratory; convergence.

Apresentação

De tempos em tempos, o advento de novas tecnologias provoca diversas transformações na realidade social, sobretudo no campo do jornalismo. Os últimos 200 anos evidenciaram mudanças na atividade jornalística, que tiveram início com a invenção do telégrafo em meados do século XIX – que modificou a linguagem noticiosa – culminando na criação do computador pessoal nos fins dos anos 1970 – que, posteriormente, com o surgimento da internet possibilitou que o mundo vivesse interligado em rede. Conforme Castells (1999), a sociedade contemporânea vivencia as transformações tecnológicas oferecidas pelo computador.

Segundo Machado (2010), a prática jornalística vem sendo submetida a uma intensa mudança em seus processos de apuração, produção, circulação e consumo de informações desde meados dos anos 1980 em decorrência da reestruturação do sistema capitalista, da incorporação das tecnologias digitais, da expansão das redes sociais, da mundialização dos mercados e das fusões

empresariais. “O hábito de ler o jornal diário tem diminuído nos últimos anos. As pessoas não necessitam mais nas notícias do jornal impresso pela manhã, pois estas já foram consumidas durante o dia anterior através da Internet, da televisão [...]” (ARAÚJO, 2010, p. 1).

É nesse contexto que emerge o que se convencionou denominar como convergência, que, de acordo com cada corrente teórica, apresenta terminologias e conceitos específicos: convergência tecnológica (OMENA SANTOS, 2003; FERRARETO, 2009), convergência midiática (MÉDOLA, 2006; 2009; SAAD CORRÊA, 2008; KISCHINHEVSKY et al., 2009), convergência digital (GARCÍA AVILÉS, 2006; BENEVENUTO JUNIOR, 2009), convergência jornalística (QUINN, 2005; BARBOSA, 2008; SALAVERRÍA et al., 2008; RASÊRA, 2010). De acordo com Rasêra (2010), qualquer que seja o termo escolhido acaba conduzindo a uma mesma ideia.

Convergência é um conceito que está em evolução de maneira emergente em várias partes do mundo. A definição do termo varia dependendo da perspectiva de quem a estuda. Logo, a palavra tende a possuir tantas definições quanto o número de pessoas que a pratica ou a estuda. Isso porque convergência varia de país para país e de cultura para cultura considerando o panorama organização em que está inserido (RASÊRA, 2010, p. 3).

Ao contrário do que se previa há alguns anos – que a chamada revolução digital propiciaria que as novas mídias substituíssem as antigas – o modelo emergente de convergência pressupõe que “novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas” (JENKINS, 2009, p. 33), ilustrando o que Jenkins (2009) denomina como “mudança de paradigma”, apresentando novos significados ao conceito de convergência. Assim sendo, do mesmo modo que o autor, observamos a convergência como um processo, não como um ponto final.

O ensino de jornalismo no contexto da convergência

Sem apontar possíveis soluções, Tárzia e Marinho (2008) trazem alguns questionamentos sobre a formação no contexto da convergência. “Qual seria então o papel das escolas de jornalismo neste contexto? Forte arcabouço teórico ou profundos conhecimentos tecnológicos? Responder às exigências do mercado ou aos apelos da ciência? Teoria ou prática?” (TÁRCIA; MARINHO, 2008, p. 32). Para Meditsch (2006), refletir sobre novas tendências no ensino do jornalismo perpassa por pensá-lo no contexto da “nascente sociedade da informação”.

A distância existente entre o ensino de jornalismo e a realidade profissional também é alvo de críticas de Canavilhas (2011), que busca alternativas para modificar tal contradição. “A digitalização é uma excelente oportunidade para se romper uma longa história de desencontros entre o ensino do jornalismo e as empresas jornalísticas” (CANAVILHAS, 2011, p. 19). Ocupando-se da

“velha” discussão dicotômica entre teoria e prática no ensino de jornalismo, Meditsch (2006, p. 59) traz ainda o pensamento de Genro Filho: “se a teoria na prática é outra, está errada a teoria”.

Assim como Genro Filho, outros pesquisadores que realizaram trabalhos anteriores à discussão sobre o ensino de jornalismo e a convergência também traziam o afastamento entre teoria e prática. Kimura (2006) atesta que falta um direcionamento mais bem fundamentado para definir o currículo que melhor se ajuste à formação dos jornalistas brasileiros. Aliás, desde a implantação dos primeiros cursos de jornalismo no Brasil – a partir da regulamentação pelo Decreto nº 22.245, de dezembro de 1946, assinado pelo general-presidente Eurico Gaspar Dutra – que as discussões em torno da temática permeiam tanto a área acadêmica quanto o campo profissional. “Jornalistas, intelectuais, professores, empresários da mídia, clamam por um modelo que una equitativa e eficientemente, teoria e prática” (KIMURA, 2006, p. 33). De lá para cá, o número de cursos da área cresceu consideravelmente no Brasil. Segundo o Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação (MEC, 2009, p. 8), presidida por José Marques de Melo – que discute as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo –, “estima-se que atualmente sejam mais de 300 cursos superiores de jornalismo em universidades e outras instituições de ensino superior em todo o país”.

Canavilhas (2011, p. 19) acredita que – ao contrário do que se esperava – “formar jornalistas para a era digital não significa apenas integrar mais conhecimentos instrumentais nos planos de estudo, mas sim repensar alguns conceitos fundamentais e adaptá-los a uma nova realidade profissional”.

Os novos processos digitais são mimetismos dos velhos processos analógicos, tendo por isso uma mesma base a partir da qual nascem novos procedimentos. O digital não pode ser ensinado por oposição ao analógico, mais sim privilegiar a complementaridade. Neste campo, o jornalismo não se distingue das ciências exactas: primeiro é necessário dominar os conceitos para depois se aprenderem as técnicas que permitem solucionar os problemas (CANAVILHAS, 2011, p. 19).

Quadros, Caetano e Amaral (2011) perceberam – em um estudo inicial sobre ensino de jornalismo digital e práticas de convergências em três cursos de Jornalismo do Estado do Paraná – que os procedimentos adotados pelos docentes têm sido acionados para a abordagem da prática jornalística tanto na esfera digital quanto no que diz respeito à convergência. “Eles [os procedimentos] são, no entanto, ainda tímidos em relação ao processo efetivado nas redes sociais, ou seja, no cenário contemporâneo em que tais cursos se inserem e para o qual devem, pretensamente, preparar os futuros profissionais” (QUADROS; CAETANO; AMARAL, 2011, p. 131).

Machado (2010) elenca e problematiza cinco teses equivocadas sobre as implicações da convergência para o ensino de jornalismo: 1) a convergência tem pouca importância porque atende

apenas a uma demanda das corporações para produzir custos; 2) a convergência deve ser incorporada como uma disciplina a mais nas grades curriculares; 3) o ensino de convergência necessita centrar-se nos aspectos tecnológicos em detrimento dos conceituais; 4) a consolidação da convergência jornalística depende apenas dos estudos conceituais sobre o fenômeno; e 5) o fator cultural tem pouca importância para a generalização da convergência jornalística. Dessa forma, o autor constata o fenômeno da convergência como uma realidade e alerta a respeito da necessidade da produção de conhecimento conceitual sobre o tema, assim como da ruptura com o modelo tradicional de ensino.

Jornal-laboratório e convergência

Percebemos que as pesquisas sobre jornal-laboratório – realizadas até então – apresentam dois pontos de vista que se manifestam dialogicamente relacionados: 1) como atividade pedagógica; e 2) como espaço de formação profissional. Procuramos trabalhar com essas duas vertentes, apresentando, ainda, um terceiro elemento que visa situar o ensino de jornalismo na contemporaneidade: o contexto da convergência. Assim sendo, este trabalho parte do suporte impresso – ao qual o jornal-laboratório está historicamente vinculado – para a produção nos cibermeios.

Conforme a revisão bibliográfica acerca do objeto jornal-laboratório – o livro *Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor*, de Dirceu Fernandes Lopes (1989), a tese de doutorado *Uma pedagogia para o jornal-laboratório*, de Antônio Vieira Júnior (2002) e as dissertações de mestrado *Perfil do jornal-laboratório nos cursos de Jornalismo do Estado de São Paulo*, de Mônica Kimura (2006), e *Jornal-laboratório, uma atividade pedagógica muito além do exercício de marketing*, de Mário Luiz Policeno Filho (2008) – e constatando as especificidades de cada trabalho, buscamos utilizar como ponto de partida a definição de Vieira Júnior (2002). Para o autor, o jornal-laboratório se constitui como um espaço essencial para a formação de jornalistas na universidade.

O conceito de jornal-laboratório não se limita ao espaço (sala de redação) que a universidade oferece ao aluno e aos professores que coordenam o projeto. O laboratório é importante para o aluno porque o ajuda a conhecer o jornal em vários sentidos, desde a pauta, checagem das fontes envolvidas no assunto, entrevistas, pesquisa no banco de dados, leitura complementar e a produção do texto. O aluno transporta para as páginas do jornal-laboratório a vivência teórica da sala de aula, que fica distante do praticar jornalismo. Incentivado pelo exercício, o aluno vai canalizar seu conhecimento e buscar formas de aplicar e desenvolver sua criatividade na construção de um texto jornalístico apurado e refinado (VIEIRA JÚNIOR, 2002, p. 96).

Em *Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor* – único livro que discute a temática no Brasil –, Lopes (1989) faz referência ao VII Encontro de Jornalismo Regional sobre Órgãos Laboratoriais Impressos, ocorrido na Faculdade de Comunicação de Santos, em 1982, no qual uma comissão discutiu a necessidade de haver múltiplos produtos laboratoriais que possibilitasse o aprendizado das diferentes técnicas jornalísticas. Embora esse evento estivesse inserido numa realidade anterior à mudança paradigmática descrita por Jenkins (2009), percebe-se a preocupação dos pesquisadores em aproximar o ensino de jornalismo com a realidade profissional, aliada aqui com a produção laboratorial voltada para o contexto da convergência.

De acordo com Lopes (1989), o jornal-laboratório integra os alunos na problemática da futura profissão, tornando possível que obtenham uma visão global do processo jornalístico, não apenas no aspecto conceitual, mas também na prática do dia-a-dia das redações. “É oportuno enfatizar que a preocupação na formação de um profissional responsável, crítico e ético deve ser o fio que conduz os critérios de produção e difusão do jornal-laboratório” (VIEIRA JÚNIOR, 2002, p. 92). A produção de um jornal-laboratório serve de exercício para o futuro profissional. O produto tem a função de se aproximar, ao máximo, do processo de produção profissional, embora não tenha um caráter mercadológico. “É bom lembrar que o jornal-laboratório não é um balcão de anúncios que basta pagar que será publicado” (VIEIRA JÚNIOR, 2002, p. 93). Assim sendo, vale destacar que o jornal-laboratório não tem interesses financeiros.

O jornal-laboratório ultrapassa, portanto, a característica de constituir-se apenas como disciplina obrigatória a ser cumprida dentro do fluxograma dos cursos de Comunicação Social/Jornalismo. Policeno Filho (2008) entende o jornal-laboratório como um espaço para exercício que promove a reflexão crítica sobre a realidade profissional. Deste modo, faz-se necessária a utilização de uma metodologia que possibilite a reflexão sobre o fazer jornalístico, assim como na formação de profissionais éticos. “A importância do órgão laboratorial está principalmente em não apenas fazer, mas refletir sobre o fazer. Essa reflexão e crítica sobre a prática profissionalizante contribui para a articulação teoria-prática desenvolvida nos órgãos laboratoriais” (LOPES, 1989, p. 37).

Lopes (1989) enfatiza que o jornal-laboratório não é apenas prática, mas teoria-prática em movimento, referindo-se à dinamicidade do processo de produção. Para o autor, os produtos laboratoriais – nesse caso, especificamente o jornal-laboratório – compreendem o quadro da formação do jornalista, deixando de ser apenas prática, técnica ou tecnicismo, para se transformar num amplo espaço de aprendizagem. Desta forma, percebemos que a produção de jornal-laboratório dentro do contexto da convergência se coloca como uma questão fundamental no sentido de atenuar a “velha” dicotomia entre teoria e prática, temática ainda tão discutida no âmbito acadêmico no que diz respeito ao ensino de jornalismo.

Considerações finais

Destacamos aqui a necessidade e a importância em discutir o ensino de jornalismo, sobretudo no que diz respeito à questão dicotômica entre teoria e prática. Neste percurso de reflexão teórica, percebemos que pensar o jornal-laboratório no contexto da convergência traz três implicações para a evolução do ensino e, conseqüentemente, para a consolidação do campo científico do jornalismo, a saber: 1) estimula a produção de conhecimento conceitual; 2) possibilita a aproximação entre teoria e prática; e 3) perspectiva uma maior conexão com a realidade profissional. São três pressupostos deste breve estudo que ainda carecem de fundamentação teórica e empírica, uma vez que alguns jornais-laboratórios já utilizam há algum tempo a potencialidade dos cibermeios – com o uso dos blogues, por exemplo –, demonstrando, pelo menos em algum aspecto, que a produção laboratorial tem se inserido no contexto da convergência. No entanto, vale ressaltar que o “carro-chefe” deste tipo de produção laboratorial continua sendo o suporte impresso – ao qual o jornal-laboratório está historicamente vinculado.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Adriana Santiago. Jornal impresso.com: o desafio da participação on-line no fazer jornalístico em tempos de convergência. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, jan.-jun. de 2010. Ano VII, n. 1.

BARBOSA, Suzana. Modelo Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD) em interação com a convergência jornalística. In: Textual & Visual Media. **Revista de la Sociedad Española de Periodística**. v.1. 2008. p. 87-106.

BENEVENUTO JUNIOR, Álvaro. **Desafios à produção e difusão do audiovisual na fase da convergência digital**. X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Blumenau, 2009.

CANAVILHAS, João. Ensino do jornalismo: o digital como oportunidade. In: QUADROS, Claudia; CAETANO, Kati; LARANGEIRA, Álvaro (Orgs.). **Jornalismo e convergência: ensino e práticas profissionais**. Covilhã: Livros LabCom, 2011. p. 13-20.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FERRARETO, Luiz Artur. **Alterações no modelo comunicacional radiofônico: perspectivas de conteúdo em um cenário de convergência tecnológica e multiplicidade da oferta**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 2009.

GARCÍA AVILÉS, José-Alberto. **El periodismo audiovisual ante la convergencia digital**. Elche: Universidad Miguel Hernández, 2006.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009. 2ª ed.

KIMURA, Mônica. **Perfil do jornal-laboratório nos cursos de Jornalismo do Estado de São Paulo**. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

KISCHINHEVSKY, Marcelo et al. **Portal PUC-Rio digital: experiência de ensino-aprendizagem em jornalismo num ambiente de convergência midiática**. XVI Prêmio Expocom 2009 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989.

MACHADO, Elias. Cinco teses equivocadas sobre o ensino em tempos de convergência. In: MACHADO, Elias; TEIXEIRA, Tattiana (Orgs.). **Ensino de jornalismo em tempos de convergência**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010, p. 13-29.

MEDISTSCH, Eduardo. **Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação**. Texto baseado na Palestra de Abertura do 9º Encontro do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. Campos de Goytacazes, Rio de Janeiro: 2006.

MÉDOLA, Ana Silvia Lopes Davi. Globo Media Center: televisão e internet em processo de convergência midiática. In: LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva (Orgs.). **Livro da XIV COMPÓS - Narrativas Midiáticas Contemporâneas**. Porto Alegre: Sulinas, 2006, v. 1, p. 181-190.

_____, Ana Silvia Lopes Davi. Televisão e interatividade: uma demanda da convergência midiática. **Revista ECO-PÓS**. v. 12, p. 1-5, 2009 .

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes curriculares nacionais para os cursos de jornalismo. Relatório da comissão de especialistas instituída pelo Ministério da Educação. 2009.

OMENA SANTOS, Adriana Cristina. Reflexões sobre convergência tecnológica: A TV digital interativa no Brasil. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**. v. 1, p. 10, 2003.

POLICENO FILHO, Mário Luiz. **Jornal-laboratório, uma atividade pedagógica muito além do exercício de marketing**. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2008.

QUADROS, Claudia; CAETANO, Kati; AMARAL, Adriana. O ensino do jornalismo digital e as práticas de convergência: análise de disciplinas e formação docente. In: QUADROS, Claudia; CAETANO, Kati; LARANGEIRA, Álvaro (Orgs.). **Jornalismo e convergência: ensino e práticas profissionais**. Covilhã: Livros LabCom, 2011. p. 111-113.

QUINN, Stephen. **Convergent journalism: the Fundamentals of multimedia reporting**. New York: Peter Lang Publishing, 2005.

RASÊRA, Marcella. **Convergência jornalística: uma proposta de definição do termo**. XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Novo Hamburgo, 2010.

SAAD CORRÊA, Elizabeth. Convergência de mídias: metodologias de pesquisa e delineamento do campo brasileiro. In: NOCI, Javier Díaz; PALACIOS, Marcos (Orgs.). **Metodologia para o estudo dos cibermeios: estado da arte & perspectivas**. Salvador, 2008.

SALAVERRÍA, Ramón et al. Métodos de investigación sobre convergencia periodística. In: NOCI, Javier Díaz; PALACIOS, Marcos (Orgs.). **Metodologia para o estudo dos cibermeios: estado da arte & perspectivas**. Salvador, 2008.

TÁRCIA, Lorena; MARINHO, Simão Pedro. **Desafios e novas formas de ensino do jornalismo em tempos de convergência das mídias**. 6º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo, 2008.

VIEIRA JÚNIOR, Antônio. **Uma pedagogia para o jornal-laboratório**. Tese de Doutorado. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.